

## "Nós - não eu" queremos criar uma organização interna

Impulso no Jubileu de Hoerde, Padre Heinrich Walter

### 1 Necessidade de cooperação?

Tem necessidade de cooperação? Precisamos um do outro? Não seria melhor se este único colega, este único partido, esta comunidade concreta não existisse? Há demasiada concorrência e contradição neste globo! Conhecemos tais pensamentos. Sentimos que viver juntos, trabalhar juntos é cansativo. Mas também aprendemos que a cooperação é frutífera e gratificante. Temos um fundador que gostava da diversidade, que falava da importância da tensão, que queria resolutamente uma estrutura federativa.

Não se trata de uma representação da Federação Apostólica Mundial, o terceiro objetivo de Schoenstatt. Queremos fazer observações e percorrer caminhos de reflexão. O objectivo é que, no final, gostemos de trabalhar mais juntos.

### 2 Como trabalhava o P. Kentenich?

Olhamos com seus olhos os 25 anos de seu trabalho pastoral como sacerdotes. Foi em 1935. O seu sermão é para mim uma chave para compreender a colaboração no sentido de Schoenstatt. É um olhar grato para a vida real e para o trabalho em conjunto. Dali podemos extrair muitas coisas.

#### uma Reflexão depois de 25 anos de trabalho pastoral

**+ Minha obra é obra vossa:** *toda a obra é também vossa obra. Cresceu a partir deste trabalho coeso, pessoal e colaborativo, na unidade anímica. Se era o meu ideal desde o início: não faço nada em toda a família sem os meus colaboradores, então sei que este pensamento permeia todas as minhas ações;*

**+ O contacto mútuo cria uma fecundidade superabundante.** *Poderia ainda hoje mostrar a certas pessoas: Ali a graça começou a funcionar, ali o contato mútuo foi estabelecido, e a partir dali a relação mútua tornou-se imensamente fecunda. Qual é o segredo de uma fecundidade quase superabundante? Está numa **profunda e mútua conexão anímica**. Se vocês não tivessem aberto sua alma para mim sem reservas, a maioria das realizações nunca teria sido descoberta.*

**+ Dar o melhor da alma:** *As coisas ainda estão tão vivas em mim, que na maioria dos casos poderia afirmar: isto e isto é deste ou daquele, isto é um pedaço da vida anímica deste, isto é um pedaço da vida anímica daquela. Esta é a fonte misteriosa da nossa comunidade mais profunda. Em grande parte isso se deu porque a maioria pôs à disposição da Família o que tinha de melhor.*

**Manter os grandes objectivos:** *As últimas grandes metas e a manutenção consciente delas têm sido a minha principal tarefa ao longo destes 25 anos. Luta por metas parciais:* *O que me foi permitido ler nas suas almas deu-me constantemente a direcção para as respectivas metas parciais pelas quais estávamos a lutar. Mas a manutenção, a ênfase desses objectivos parciais e a luta iluminada pela realização, isso é simplesmente impensável sem vocês.*

**Eu deliberadamente não fui para Hörde:** *Eu também poderia dizer quem eram os principais portadores quando a organização externa foi formada. ... Aqui está um exemplo clássico: Eu deliberadamente não fui para Hörde; tinha tanta certeza do resultado, que de fato se alcançou.*

**Sua forte influência no meu desenvolvimento:** *Vocês mesmos tiveram uma influência incrivelmente forte no meu próprio desenvolvimento pessoal.*

*Mas também digo isto: O que surgiu, o que surgiu através de mim, o que surgiu através de vocês, surgiu através da nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Ela me formou e educou pessoalmente desde os 9 anos de idade.*

## **b O processo de vida da fundação**

Vamos olhar para o início. Este estilo de colaboração já está estabelecido no primeiro documento da história de Schoenstatt. Em 1912, o Padre Kentenich fez uma apresentação programática aos jovens:

**Nós não eu:** *"o principal ainda está faltando: uma organização interna que corresponda às nossas circunstâncias ... Queremos criar esta organização. Nós - não eu.*

**Nada sem o vosso pleno consentimento:** *Porque nada farei, nada farei nesta linha sem o vosso pleno consentimento. Este não é um trabalho momentâneo, mas uma instituição que seja útil para todas as gerações futuras."*

P. Kentenich tinha 27 anos, tinha à sua frente jovens estudantes. Isso foi em 1912, imediatamente antes do início da Primeira Guerra Mundial.

E dois anos depois, na hora da fundação:

**A execução está em suas mãos:** *"Ao dizer isto, meus queridos congregados, sinto que acertei no tom. Os seus corações incendiaram-se. Assumiram como próprio o meu plano.*

*Tranquilamente coloco meu plano e a sua execução em suas mãos e não hesito em registrá-lo na nossa crônica. Que as gerações posteriores nos julguem."* (Documento de Fundação, 18.10.1914)

## **c O processo de vida Hörde**

Esta atitude continua nos processos em torno da conferência em Hörde. Ainda temos no ouvido a explanação da Irmã Sr. Nurit: Nos corações de alguns dos protagonistas de Hörde, arde o fogo, mencionado em 1914. 24 jovens se encontram, mesmo sem o Padre Kentenich. Decidiram que a organização externa de Schoenstatt continuaria: queriam investir na educação, na formação dos leigos, para que pudessem trabalhar como apóstolos no mundo de hoje. Para nós, hoje, o ponto central é que estes jovens assumiram a responsabilidade. O que é igualmente importante é que o Padre Kentenich acreditava que estes jovens adultos eram capazes de muita coisa. Tinham entre 17 e 25 anos.

**Pastor e rebanho ou apicultor e colônia de abelhas:** Como resultado intermediário eu gostaria de apresentar uma imagem, que me deu alegria no sentido de uma simplificação. Encontrei um romance sobre a liderança de equipes auto organizadas. Ali se descreve como um empresário aprende com muito esforço que já não é o pastor de um rebanho de ovelhas que o segue cegamente. Senão que se torna o apicultor das colônias de abelhas, que deve confiar nas abelhas que elas mesmas sabem como chegar ao néctar. A colônia de abelhas organiza-se por si e tem uma clara distribuição de papéis. É preciso soltar, deixar que elas façam e alegrar-se com isso. Quanto mais se interfere, mais perigoso é ser picado pelas abelhas. É sobre confiança e tornar-se supérfluo.

O papel do apicultor é totalmente diferente do papel do pastor: deve colocar as caixas de abelhas no lugar certo para que possam fazer o seu trabalho. Ele tem de lhes dar espaço suficiente na caixa para se desdobrarem. E ele cuida de outras condições básicas, como limpeza, etc. sempre com o objetivo de que possam trabalhar bem e alcançar bons resultados. Este quadro descreve uma cooperação que se desenvolve a partir de dentro através da auto responsabilidade.

Em qual dos dois encontramos mais o P. Kentenich? Quando olho para as minhas equipes, parecem mais um rebanho ou uma colônia de abelhas? (Cf. Rini van Solingen, O Pastor de Abelhas, Heidelberg, 2017)

### **3 A cooperação cresce de dentro para fora**

Existia e ainda existe um estilo de controlar a cooperação, o trabalho em equipe, de fora. É uma tentação porque se vê um sucesso rápido. Pode ser que estejamos com ciúmes alguma vez, e em perigo de deixarmos o nosso próprio caminho. A perspectiva a longo prazo só surge quando algo se desenvolveu de forma saudável e todos estão envolvidos, como vimos com o Padre Kentenich. Seu tipo de cooperação é demorado, lento, profundo na alma e, portanto, sustentável. Esta forma de trabalhar exige muita atenção da nossa parte. Portanto, descrevo quatro campos que enfatizam esses processos internos.

#### **a conduzir-se pessoalmente - de dentro para fora**

A cooperação começa comigo. As minhas atitudes, as minhas necessidades, os meus receios, a minha visão do mundo determinam o meu caminho de cooperação. Ouvem-se muitas

vezes as queixas de que tudo correria melhor se apenas o sócio, o empregado ou o pároco mudassem. A experiência nos mostra que a mudança mais segura vem quando eu trabalho em mim mesmo, na minha atitude e nas minhas emoções. Todos têm dentro de si um compasso que determina atitudes, o comportamento e a cooperação com os outros. Pensamos que somos objectivos, mas vemos o mundo como somos. Vemos o mundo com os óculos das nossas próprias experiências.

A cooperação começa, portanto, comigo, com os meus valores, os meus motivos, o meu carácter. Assim o descreve o Padre Kentenich em seu programa de trabalho como diretor espiritual da juventude em 1912. Stephen Covey testemunha em seu best seller "Os 7 Caminhos para a Eficácia": "Nunca vi soluções de longo prazo para problemas, felicidade duradoura e sucessos duradouros que viessem de fora" (53). Ele aconselha aqueles que têm responsabilidade a repensar e entender todo o crescimento e desenvolvimento como um processo contínuo de dentro para fora.

Em Schoenstatt este é o trabalho com a nossa personalidade através da autoeducação. Desenvolvemos um ideal pessoal e adaptamo-lo às fases de desenvolvimento das nossas vidas. Irmã Nurit enfatizou a importância e descreveu o quanto o Padre Kentenich investiu para ajudar as pessoas a buscar o ideal interior da vida. Os modernos manuais de gestão confirmam-nos que é uma tarefa para toda a vida renovar-nos sempre de novo a partir deste núcleo interior para o exterior. Por isso, o nosso foco no desenvolvimento da personalidade tem grande atualidade. Pensei comigo, como teria sido bom se Covey tivesse conhecido a nossa teoria da personalidade.

### **b A liberdade interior conduz à proatividade - de dentro para fora**

Sr. Nurit descreveu a personalidade autoconsciente e consciente da missão. Gostaria de salientar mais um elemento. Trata-se da liberdade que é tão sagrada para nós. E essa liberdade é central na comunicação e no trato com os parceiros. Quantas vezes declaramos culpadas as circunstâncias porque algo não funciona melhor e não conduz ao sucesso. Olhamos para os outros e desfocamos o âmbito da nossa liberdade interior. Dessa forma passamos a reagir apenas em vez de sermos proativos. Um exemplo é o comportamento do Padre Kentenich nos tempos de perseguição e exílio. Ele não se deixou privar da liberdade interior de reagir autonomamente à situação e às proibições. A sua identidade interior era intocável. Vamos pensar no seu primeiro dia no campo de concentração de Dachau. O espaço da sua consciência era um espaço sagrado. Covey descreve isto como o espaço entre o estímulo e a reação. Não sou determinado pelos estímulos, mas decido como lidar com eles. Este é o último e inviolável espaço da liberdade humana. Posso desistir desse espaço, posso renunciar ao respeito a mim mesmo. Neste caso eu entrego a minha responsabilidade a outros. Quantas vezes ouvimos isso, ai falar sobre a situação da igreja, de uma empresa, da política ou da nossa vida familiar. A culpa é da situação.

O tipo de homem de Hoerde segue seu próprio caminho, ele usa esse espaço de liberdade interior para sua decisão pessoal. Trabalhar no meu ser é a forma mais positiva de ganhar influência. Posso ser o melhor ouvinte, o trabalhador mais preciso, a pessoa mais feliz. Com isso mudo o ambiente. Posso alargar esta esfera de influência tomando a iniciativa na situação concreta da nossa cooperação. Mesmo uma situação confusa pode ser lentamente transformada por indivíduos que usam o seu espaço. Covey descreve o comportamento de um empregado que, a partir de seu departamento, provocou mudanças em toda a empresa. O ser humano proativo, um pequeno grupo proativo pode fazer muitas coisas. O tipo de homem hoerde é então a pessoa proativa que trabalha em si mesma, que sempre de novo se renova de dentro para fora, que usa a liberdade para influenciar o ambiente.

### **A comunicação empática torna-se compreensão edificante - de dentro para fora.**

A escuta correta na equipe, no grupo, deve ser treinada para que se torne um escutar nas entrelinhas, para entender melhor o que está por trás das palavras. Conhecemos vários métodos para refinar o estilo. Mas todas as técnicas são inúteis se eu não estiver realmente interessado no outro ou na outra comunidade. Ouvimos muitas vezes esta queixa: Ele não escutou! Ninguém nos vê! Não sou levado a sério!

O escutar nas entrelinhas vive da confiança e de um caráter forte que tem um grande volume para dar acolhida a opiniões bastante diferentes dentro de si.

O Padre Kentenich descreve o processo como uma compreensão edificante. Através do meu tipo de comunicação o outro se torna maior, ele cresce, cresce além de si mesmo. Isso é trabalho duro, prática constante.

Hoje estamos habituados a falar de valorização do outro e de empatia. Tem que se fazer muito depósito nessa conta do relacionamento emocional para criar uma atitude estável. Especialmente em situações difíceis, a aplicação é um desafio. Costumamos ouvir autobiograficamente, ou seja, já temos uma perspectiva formada com a qual rapidamente avaliamos, consideramos e interpretamos, em vez de primeiro simplesmente ouvirmos, compreendermos. O Covey fala sobre o "ar anímico" que nos proporcionamos mutuamente através de uma boa escuta.

Nisso é preciso ser autocrítico. Em diálogo com outros cristãos, os schoenstattianos rapidamente dizem: "Mas nós temos tudo, porque não vêm até nós? Ou se alguém apresenta alguma coisa, você ouve depois, faltou isso ou aquilo, e o Padre Kentenich também disse. Quem quer trabalhar com pessoas assim? Primeiro acolher as coisas, aceitar tudo com seriedade, deixar as coisas como são.

Trabalho em conjunto com outros terá sucesso na medida em que nos proporcionamos mutuamente esse "ar anímico" e fizermos zelosamente depósitos na conta do relacionamento emocional.

### **d A sinergia cria "fecundidade sobre abundante" - de dentro para fora**

Estamos habituados a que opiniões e anseios sejam colocadas lado a lado. Está tudo muito bem se todos tiverem uma certa legitimidade. Um outro passo é que posições diferentes se somam para formar uma série, um complemento. Um enorme salto na qualidade ocorre quando uma sinergia é criada na colaboração. Três ideias não produzem um efeito triplo, mas sim 25 vezes mais do que os indivíduos contribuíram. Chega-se assim a um novo nível um com o outro. Para tal processo, os participantes precisam de uma certa confiança, alegria na descoberta e criatividade. Se há uma compreensão edificante, se há empatia suficiente, então as pessoas querem promover-se mutuamente, isso é sinergia.

Covey chama à sinergia o roteiro para moldar o futuro da humanidade. É uma palavra forte. Ainda estamos muito longe disso. Quando recordo as frases do Padre Kentenich no início, (constato que) ele descreve exatamente isso. Ele fala do mistério da fecundidade abundante, da resultante criadora, que trouxe tanta vida ao jovem Schoenstatt. Ele descreve o segredo da sinergia da seguinte forma: "Isto reside numa profunda ligação mútua entre nossas almas." Covey chama-lhe a conta da relação emocional que começa com a confiança. A sinergia pressupõe que apreciemos as diferenças, que tenhamos prazer na alteridade. Com uma certa modéstia e humildade e com base na confiança, o colaborador pode significar para mim uma ampliação de horizontes: Você vê a coisa de outro modo. Podes ajudar-me a ver o que estás a ver? Esta empatia leva a um nível em que pode surgir uma potencialização das forças.

Pude experimentar este tipo de sinergia na convivência ecumênica dos movimentos em uma noite muito memorável. Em 2001, reuniram-se em Munique 20 representantes de vários movimentos. Tratava-se da preparação de um grande evento comum. Todos deviam dizer onde seu movimento ou comunidade tinha neste momento a vida mais forte. Todos contaram uma experiência. Então fizemos uma segunda rodada, onde todos deveriam dizer em qual contribuição da outra pessoa mais sentiam que o Espírito Santo estava atuando. Houve uma mudança notável na atmosfera. Depois de meia hora tínhamos uma energia e uma alegria neste salão sob o telhado da casa que eu espontaneamente tive que pensar no Pentecostes. Em uma hora, todas as perguntas foram respondidas, as responsabilidades distribuídas e o financiamento garantido. Nunca esquecerei esta noite. Em 20 anos, uma rede de mais de 200 comunidades emergiu desta situação.

### **Caso modelo: Rede "Juntos pela Europa"**

Para mim, esta rede é um modelo para o processo: "de dentro para fora".

No início destes encontros havia o **interesse pelo carisma do outro movimento**. "Quero conhecer a alma de Schoenstatt", disse Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, antes de sua visita a Schoenstatt. Então era um interesse no mais íntimo, o núcleo do movimento. Ela, juntamente com Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Santo Egídio, encontrou-se no Santuário Original e no túmulo do Padre Kentenich com a alma de Schoenstatt. Sabiam o que é um carisma porque cada movimento vem de uma experiência

que Deus interveio em um lugar e em um certo momento na vida de um grupo. Deus confiou a cada fundação um carisma, isto é, um dom do Espírito Santo, como São Paulo o descreve na Carta aos Coríntios.

Começamos a visitar-nos um ao outro. Isso foi invulgar. Desenvolveram-se amizades pessoais. Nosso caminho começou com o fato de que **percebemos o carisma que havia no outro**. Dizíamos a isso: descobrir e partilhar a riqueza.

Na casa de um carismático evangélico, houve uma meia hora de oração com muita emoção, no sótão da casa, mas nós não nos sentimos estranhos, porque havíamos nos tornado amigos.

A medida do **respeito e da atenção** era incomum. Durante essas visitas, não só os corações foram abertos, surgiu também uma base humana para superar barreiras de mentalidade, de preconceito, de querer saber melhor que o outro.

Estes encontros mudaram as formas de pensar, influenciaram as atitudes em relação à vida. Para alguns de nós isso teve um efeito retroativo sobre a maneira como lidamos uns com os outros em nosso próprio movimento. Naquela ocasião eu formulei para mim mesmo: ***A comunhão surge quando a pretensão de poder de cada um diminui e todos se colocam sob o domínio do Espírito.***

(Como explicar o que é Schoenstatt aos ortodoxos e às pessoas da Igreja Livre em cinco minutos? Transmitir o próprio de tal maneira que o outro, a quem até o momento eu sou estranho, compreenda. Este desafio tem ajudado a refletir o nosso próprio perfil no linguajar de hoje. Esta cooperação nunca tem a ver com nivelamento por baixo ou com um compromisso barato. **Todos deviam viver o seu carisma perfilado**. O respeito mútuo ajudou muito neste aspecto.

Involuntariamente a gente se pergunta como será que os outros pensam sobre nós? Tenho experimentado protestantes que podiam dizer mais rapidamente do que nós mesmos qual é o **perfil de Schoenstatt**.

Na companhia dos outros, sente-se rapidamente o que é próprio, onde estão as diferenças, como podemos complementar-nos no sentido do Corpo de Cristo. Aprendi com os protestantes que somos mais bíblicos do que pensamos. "Vocês em Schoenstatt dão uma dimensão local à Sagrada Escritura, isso nos fascina." Encontraram aqui um monte Tabor, uma casa Nazaré, os montes Moriah e Sião. Sobre esta base bíblica, pudemos tornar a nossa experiência com Maria mais fácil de compreender. )

Ser reconhecido e confirmado por outros movimentos no próprio carisma desperta, revitaliza. A mentalidade de defesa se abre e sem buscá-la **surge uma nova vitalidade**. Experimentamos que fomos descobertos e aceitos em nossa riqueza. Isso anima a alegria do que é importante para a gente. No outro dia um deles disse: "Quando Schoenstatt está presente, eu estou sempre muito calmo, vocês são de um equilíbrio que faz bem pra gente". Ao trabalharmos em conjunto, fomos levados a um público mais vasto. Assim, Schoenstatt tornou-se visível em novas áreas da Igreja e da sociedade. Experimentamos que este tipo de cooperação não apenas soma as forças de diferentes movimentos, mas dá uma **sinergia que**

**não pode ser planejada e organizada.** No clima de união e de fecundidade dos poucos recursos disponíveis, experimentamos sempre de novo uma resultante criadora.

((Info: A rede "Juntos pela Europa" começou em 1999 com a iniciativa de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares. O gatilho foi o encontro dos novos movimentos com o Santo Padre em Pentecostes de 1999, na Praça de São Pedro. Em repetidos anéis de crescimento formou-se uma colaboração ecumênica de 200 comunidades e movimentos. As atitudes e os objetivos que tornam possível esta cooperação estão muito próximos daquilo que o Padre Kentenich formulou como objetivo com a Confederação Apostólica Universal ))).

Vou ler algumas frases dos dois primeiros capítulos dos "Fundamentos", que foram adotados como base comum em 2009:

**A última fonte: Aliança de amor mútua:** *Ouvindo o Evangelho, fomos conduzidos à aliança de amor mútua segundo o mandamento novo de Jesus. É a base desta união.*

**O caminho: o amor vê o outro maior:** *um fruto de tal amor é que traz à luz os carismas dos outros movimentos e comunidades, o dom de Deus do qual e para o qual vive cada movimento ou comunidade. Este amor está disposto a pôr as ideias do outro em primeiro lugar e a partilhar o fardo dos outros.*

**O carisma: Cada um é um raio de luz do Espírito Santo:** *cada movimento ou comunidade tem sua tarefa específica. Cada um é como um raio de luz do Espírito Santo numa "noite" especial de hoje. O que conta não é o tamanho nem a extensão de um movimento ou comunidade, mas o fato de ser portador de um dom do Espírito e de estar unido aos outros.*

**A atitude: Escutar a partitura escrita no céu:** *Nosso caminho comum é determinado pela escuta da Palavra de Deus. Juntos queremos viver e testemunhar o evangelho em nosso tempo.*

**Deus reúne o seu povo:** *a união faz crescer a unidade. Nós percebemos que Deus está reunindo Seu povo.*

**O objetivo: fortalecer a alma cristã da Europa:** *Ouvimos o chamado de Deus: "Europa levanta-te!" A nossa união se empenha pela Europa e pela sua unidade, a fim de fortalecer a alma cristã da Europa. Isso também significa participar de processos e decisões políticas, culturais e sociais.*

**A união de amigos:** *A união não é nem uma organização nem uma nova estrutura, mas vivemos uma união de amigos em Cristo.*

**Cada um mantém a liberdade:** *Também trabalhamos juntos em projetos pelos quais um ou mais movimentos ou comunidades são responsáveis. A cooperação dura um*

*tempo limitado, ocorre em liberdade e de acordo com as possibilidades de um movimento ou comunidade.*

Outra aplicação, que surgiu nos círculos de nossos sacerdotes é o método pastoral com o “rolo da escritura”. Nos próximos dias sairá um livro sobre isso. É uma aplicação prática da forma schoenstattiana de trabalho em conjunto a nível de paróquias, que também pode ser aplicada em grupos ou em nossos cursos. A ênfase está na condução de Deus na nossa vida e no nosso trabalho em comum.

#### **4 Nosso objetivo final de cooperação**

E qual é o objetivo de todos estes processos e esforços? Estamos construindo uma igreja que é o sal e o fermento da sociedade e a alma do mundo. Não domina, não moraliza. Inspira, motiva, anima, cultiva a alma, promove todas as forças positivas do apostolado para a criação de um mundo melhor.

O Padre Kentenich, na sua retrospectiva, falava em manter os grandes objetivos. Trata-se agora do contexto do terceiro objetivo do nosso movimento, a Confederação Apostólica Universal (CAU).

São Vicente Pallotti tinha perseguido a grande ideia do apostolado laical e, para isso, tinha fundado comunidades que deveriam ser a alma e o núcleo de uma ampla coordenação federativa do apostolado da Igreja. O Padre Kentenich assumiu esta ideia e viu no nascente Movimento de Schoenstatt uma forma de realizar a ideia de Pallotti. Os palotinos seguiram seu caminho e, em 1985, fundaram a "Unio" como associação de todas as comunidades palotinas. Eles falam do Apostolado Católico.

A CAU quer realizar a cooperação federativa de todas as forças apostólicas da Igreja. Isto deve vir de baixo para cima, como uma livre cooperação. Os grupos envolvidos não perdem nada da sua independência. As atividades apostólicas devem ser promovidas, coordenadas e animadas. Mas esta associação não deve funcionar nem hierarquicamente estruturada nem como uma instituição hierárquica da igreja. O que une e dá coesão é a meta do apostolado. Mas ela precisa de uma comunidade central que promova e inspire tudo. Assumindo essa meta o Padre Kentenich via o Movimento de Schoenstatt, com sua organização federativa, nesse papel. Ele falava de Schoenstatt como a primeira ala desta associação mundial. "Não há ideia maior, mais louca" (JK) do que a ideia de que poderia surgir um processo de livre colaboração apostólica, ao qual poderiam aderir o maior número possível de ordens, mosteiros, iniciativas, comunidades e movimentos. Isto deve dar-se pela auto responsabilidade pelo bem da Igreja, para que possa ser o sal e o fermento do mundo.

#### **5 No contexto do desenvolvimento da igreja / cooperação de baixo para cima**

Por vezes, em muitos de nós, há um apelo a uma autoridade forte que se afirme e clarifique alguma coisa ou a faça avançar. Em muitas culturas, este sistema hierárquico está profundamente enraizado na tradição. Como hoje em dia amplos estratos da sociedade estão instáveis e sobrecarregados pelas consequências da globalização, homens e mulheres com esse tipo de liderança autoritária têm cada vez mais seguidores. O mesmo se vê também na igreja. Mas como se dá a cooperação em tempos de populismo e de uma sociedade das múltiplas escolhas? Olhamos para o caminho do Padre Kentenich e o relacionamos com o contexto do desenvolvimento da Igreja. Assim como olhamos para os inícios de Schoenstatt, olhamos agora para os inícios da Igreja. Como a igreja primitiva praticava a cooperação?

### **a O Concílio dos Apóstolos de Jerusalém: "O Espírito Santo e nós decidimos".**

Quando Jesus já não estava com os discípulos e havia enviado o Espírito Santo, eles tinham que esclarecer as questões por si mesmos, encontrar o caminho da cooperação e do consenso. Os Atos dos Apóstolos relatam tais eventos. Há um evento que gostaria de salientar.

Tinha chegado ao conflito se os gentios podiam seguir Jesus sem primeiro se tornarem judeus com todas as consequências. Não era um assunto fácil para os judeus: tratava-se do todo do caminho cristão. Não é de admirar que a pergunta tenha causado uma discussão tão grande:

"Originou-se então grande discussão de Paulo e Barnabé com eles, e resolveu-se que estes dois, com alguns outros irmãos, fossem tratar desta questão com os apóstolos e os anciãos em Jerusalém." (Atos 15,2).

**Nomeando tudo abertamente com franqueza:** *A franqueza foi expressa. Foi nomeada abertamente e promovida abertamente.* O Papa Francisco exige para os sínodos da Igreja: "Uma condição básica para estes é falar abertamente. Ninguém devia dizer: "Não posso dizer isso, senão podem pensar mal de mim... Qualquer coisa que alguém se sinta compelido a dizer, pode ser dita com franqueza.

**Não fugir do conflito:** houve "confrontos veementes". O Papa Francisco nos encoraja a não temer os conflitos. Podemos entendê-los como forças motrizes do Espírito que amadurecem o discernimento dos espíritos.

**Método para a tomada de decisões:** "O ensinamento mais importante sobre o "caminho sinodal" da igreja primitiva é mostrado no método como a jovem igreja resolveu este dramático conflito. Eles não escreveram pareceres teológicos, por mais importantes que sejam. A igreja primitiva usou um método diferente: "Os apóstolos e os anciãos se reuniram em Jerusalém. Quando surgiu uma discussão veemente, Pedro levantou-se e disse-lhes: "Irmãos, vós sabeis que já há muito tempo Deus me escolheu dentre vós, para que da minha boca os pagãos ouvissem a palavra do Evangelho e cressem. Ora, Deus, que conhece os

corações, testemunhou a seu respeito, dando-lhes o Espírito Santo, da mesma forma que a nós. Nem fez distinção alguma entre nós e eles". (Atos 15,6-9).

**Relatar as obras de Deus:** O método que Pedro usa é contar as obras de Deus. A partir daí, ele tira as conclusões. Não são fruto de reflexões teológicas, mas de um olhar e de um escutar atento da ação de Deus. A ação de Deus é a decisão.

**Ouvir com humildade e silenciar:** Como a assembléia reage ao discurso de Pedro? "Toda a comunidade ficou em silêncio" (Atos 15,12). Pedro tinha falado com franqueza. E a assembleia ouviu "com humildade". O testemunho de Pedro não é imediatamente "desmontado" e criticado em um grande debate. A sua palavra é recebida com silêncio e assim pode ser "meditada no coração". Nesta atitude eles estão então prontos para receber o testemunho de Paulo e Barnabé: ""Em seguida, ouviram Barnabé e Paulo contar quantos milagres e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios" (Atos 15,12).

**Deus intervém com sua ação:** "Quando terminaram, Tiago (o mais velho da igreja primitiva) tomou a palavra e disse: "Simão narrou como Deus começou a olhar para as nações pagãs para tirar delas um povo que trouxesse o seu nome." (Atos 15,13f). Tiago confirma o que Pedro já dissera: O próprio Deus interveio e decidiu o assunto.

**O Espírito Santo e nós decidimos:** É assim que acontece a decisão conjunta "dos apóstolos e dos anciãos com toda a comunidade" (Atos 15,22). Na carta se diz: "O Espírito Santo e nós decidimos não vos impor mais fardos" (Atos 15,28 f).

Os Atos dos Apóstolos também falam da *recepção* das decisões de Jerusalém: "**Os irmãos leram a carta e se alegraram com o encorajamento**" (Atos 15,31).

O "Primeiro Sínodo" de Jerusalém tornou possível o dinamismo missionário da Igreja primitiva, promoveu-a e fez com que florescesse enormemente. A compreensão fundamental de que todos nós, judeus e gentios, "fomos salvos pela graça de Jesus" (Atos 15,11) abriu a porta da igreja para os gentios e assim tornou possível a missão mundial. (cf. Comissão Teológica Internacional, Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja, Roma, 2/3/2018; cf. Schönborn, Missão, Testemunho, Discernimento, 17/10/2015)

## **b O caminho sinodal da Igreja para o futuro**

Esta experiência da jovem Igreja é repetidamente citada como um processo de um primeiro Sínodo, assim na recente reflexão sobre a sinodalidade.

"O curso do Concílio de Jerusalém é um exemplo vivo do caminho do Povo de Deus, como uma entidade estruturada, em que cada um tem um lugar e um papel específico. Todos são, portanto, corresponsáveis pela vida e pela missão da comunidade, e todos são chamados a agir de acordo com a lei da solidariedade mútua e a respeitar ministérios e carismas específicos, porque cada um deles tira a sua força do único Senhor". (Comissão Teológica Internacional, Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja, Roma, 2/3/2018, Nº 22).

O processo do Concílio dos Apóstolos não é um processo democrático. A essência é que a ação de Deus é testemunhada, ou seja, o que temos visto e ouvido. O Espírito de Deus atua hoje. Em toda a cooperação, em toda a resolução de conflitos, e tomada de decisões trata-se de encontrar a vontade de Deus. Esta arte quer ser pedida com humildade, implorada pelo poder do Espírito Santo. Cada um, a partir de sua experiência, dá o nome a este processo. Os apóstolos dizem: "O Espírito Santo e nós." O Padre Kenterich fala das portas abertas da Providência, Chiara Lubich da partitura no céu. Para nós cristãos, trabalhar juntos a partir de baixo só é possível a partir da perspectiva de que Deus abre o céu e aponta o caminho.

Nossa tarefa, muitas vezes desafiadora, é descrita pelo Papa Francisco: "Uma igreja sinodal é uma igreja de escuta, sabendo que escuta é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca na qual todos têm algo a aprender: o povo fiel, o Colégio Episcopal, o Bispo de Roma – cada um na escuta atenta do outro e todos na escuta tenta do Espírito Santo, o Espírito de Verdade (Jo 14, 17), para reconhecer o que diz às Igrejas (cf. Ap 2, 7)". (Papa Francisco, 17/10/2015).

O processo de sinodalidade tem sido trabalhado durante anos pela Comissão Teológica Internacional. Torna-se clara a necessidade de mais reflexão, sobretudo no acompanhamento das aplicações concretas. A base é a compreensão da Igreja como povo de Deus que passa pelo tempo, tal como foi formulada no Concílio Vaticano II em "Lumen Gentium". O Papa Francisco nos últimos tempos sublinhou várias vezes que Deus espera a Igreja no terceiro milênio este caminho de sinodalidade.

Não vou detalhar mais esse assunto, mas vou citar um parágrafo que torna este caminho claro. Como vê o Papa Francisco o seu papel de sucessor de Pedro no caminho sinodal da Igreja?

"A sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja oferece-nos o marco mais apropriado para interpretar o próprio ministério hierárquico. Jesus fundou a Igreja e colocou à sua cabeça o Colégio dos Apóstolos, no qual o Apóstolo Pedro é a "rocha", aquele que deve "fortalecer" os irmãos na fé. Mas nesta igreja o cume se encontra abaixo da base, como numa pirâmide invertida. É por isso que aqueles que exercem autoridade são chamados de 'ministri - servos', pois no sentido original da palavra 'ministro', eles são os menores de todos". (Citado conforme: Comissão Teológica, Nº .57).

O topo da hierarquia não está apenas no meio do povo, mas abaixo da base como servo do povo Deus, como primeiro servo da vida e unidade da igreja.

Muitos destes pensamentos lembram as afirmações do Padre Kenterich sobre como ele mesmo se via e como via Schoenstatt depois de 25 anos de trabalho pastoral, a Igreja como família e povo de Deus. Isso foi muito antes do Concílio Vaticano II.

"Nós - não eu" queremos criar uma organização interna!